

Roteiro episódio CORACAO DA SERRINHA - visceral brasil - segunda temporada - com o Jongo da Serrinha

1. Imagens de arquivo pessoal do grupo Jongo da Serrinha - da formação do grupo - trilha sonora do grupo - imagens da Serrinha - sede do Jongo - termina com música ao vivo cantada, tocada e dançada pelo grupo

2. Entrevista Tia Maria do Jongo

Antigamente, dia  
de São Pedro e São João,  
o pessoal rezava  
a ladainha, né?  
E d. Maria Joana,  
aquela que tá ali na foto,  
ela rezava nas casa  
e levava muita criança.  
Depois dessa ladainha,  
se o pessoal era jongueiro,  
tinha o jongo.  
Se era da sanfona,  
era um baile de sanfona.  
Mas sempre depois  
eles faziam aquela reza.  
Ela levava muita criança.  
Todo lugar que ia,  
ela levava criança.  
"Vai fazer uma cama lá  
pra vocês dormir,  
que agora os velhos  
vão dançar".  
Não queria nem  
que a gente visse...  
Mas, antigamente,  
as casas eram estufa,  
aquela casa  
que joga barro.  
Se tinha um buraquinho, a  
gente furava um buraco maior,  
que era pra gente  
poder ver, né?  
Aí, quem que arreda?  
"Eu não vou dormir".  
Aí, eu ficava ali, naquele  
buraco, e olhava, olhava.  
Darcy era bem menor que eu,  
também olhava, meus irmãos,  
as outras criança, todo mundo  
olhava e tava aprendendo.  
Aí, no dia seguinte,  
a gente dançava o jongo.  
Mas era no terreiro  
da minha mãe, na minha casa,  
que era em frente  
à vovó Maria Joana.  
Ali, a gente batia nas latas  
da minha mãe carregar água,  
minha mãe brigava:  
"Vou mandar furar as latas!".  
Batíamos no chão, os meninos batia o jongo, cantava.  
Darcy, então, adorava!  
Aí, cantava,  
a gente dançava.

E assim nós fomos  
aprendendo a dançar.  
Lá na roda dos velhos,  
não ia nem olhar.  
Eles não deixavam.  
Aí, fomos crescendo assim.  
Fiquei moça, me casei.  
Fui dançar jongo depois.  
Porque é uma cultura oral.  
É uma cultura que veio  
da África, de Angola,  
e, antigamente, só os pretos  
velhos, os mais velhos mesmo,  
cabeça branca, cacurucaia,  
aqueles bem...  
é que podiam fazer o jongo.  
Aqui na Serrinha, em outros  
lugares onde tinha jongo,  
outros morros daqui  
do Rio de Janeiro.  
Minha mãe cantava muito jongo porque ela veio de Minas.  
Eu sou jongueira,  
já nasci jongueira.  
Porque minha mãe veio de Minas pro Rio de Janeiro em 1910.  
Eu nasci em 1920.  
Já nasci jongueira.  
Só não dançava,  
mas ela cantava...  
pra gente ali... e não  
entrava na roda dos velho.  
Mas minha mãe  
cantava com a gente.  
Aí, d. Maria chamou  
Darcy e falou:  
"Meu filho, você bota  
as criança pra dançar.  
"Vai acabar o jongo,  
vai ficar em extinção,  
"o jongo vai ficar  
aí abandonado,  
sem ninguém pra dançar".  
Aí, ele ficou todo feliz,  
porque ele gostava,  
já tava homem,  
e aí, foi logo lá em casa.  
Aí, falou, meu marido  
tava em casa...  
"Ah, se ela quiser".  
Eu disse: "Ah, quero, sim".  
Aí, eu fiquei com ele,  
minhas irmãs, sobrinhas,  
todo mundo sabia dançar,  
e o pessoal dali  
que sabia dançar,  
ele foi convidando....  
 Fizemos uma roda de samba,  
de jongo bonito!  
Aí, ficamos dançando jongo,  
mas depois de adulto já.  
Assim como vocês,  
não dançava.  
Era só velho mesmo.  
Vendo que os jongueiros  
antigos estavam indo embora,

começaram a colocar  
as crianças  
pra aprender  
a dançar o jongo,  
porque, senão,  
essa cultura iria morrer.  
E eles não queriam  
que essa cultura morresse.  
Nunca, jamais.  
E enquanto a gente  
estiver aqui,  
a gente também  
vai passar pras crianças,  
pra quando a gente  
for embora as crianças  
continuarem a levar  
o jongo adiante.

### 3. Crianças dançando o Jongo

4. Entrevista com Lazir  
Tudo isso começou  
com o Mestre Darcy.  
A gente segue tudo  
que o Mestre nos ensinou.  
Ele realmente descobriu  
como fazer  
o jongo resistir,  
e como fazer com que  
o maior número de pessoas  
pudessem conhecer  
a cultura do jongo.  
Então, muito sábio o Mestre  
Darcy indo nas universidades  
em busca dos jovens,  
dessa força dos jovens.  
Muito sábia a vovó Maria Joana ensinando as crianças,  
as novas gerações,  
e é isso que a gente segue.  
Então, por exemplo, a gente  
foi agora pro Rock in Rio.  
A nossa missão muito forte  
é a oportunidade do mundo  
conhecer a nossa cultura  
e se interessar.  
O jongo é uma coisa muito  
forte e de muito respeito,  
porque os sábios é que sabiam  
e é que tinham essa coisa  
de permitir que outras  
pessoas pudessem aprender.  
A missão, vamos  
dizer assim,  
e a ideia brilhante  
de ensinar o jongo  
pra quem quisesse  
aprender do Rio de Janeiro,  
do mundo, do Brasil.  
Como o jongo... se tornou  
uma coisa de mulheres,  
porque no jongo  
a mulher recebe,  
a mulher faz a comida,  
alimenta as pessoas.

A gente junta a nossa  
união de mulheres  
e a gente faz  
essa força.

A gente faz  
essa casa andar.  
E pra gente é  
uma felicidade,  
porque quando  
o meu tio se foi,  
quando minha família  
se foi, meu tio se foi,  
a gente não imaginava  
conseguir levar isso adiante.  
Mamãe era jongueira, papai  
era jongueiro, vovô também,  
e eu, quando criança,  
me apaixonei pelo ritmo.  
E eu jamais pensaria  
que ainda ia gravar  
e lutar pelo  
jongo no Brasil.

5. Grupo dançando, cantando

6. Entrevista jongueira

A gente, na época,  
ficou querendo  
dar uma enfraquecida,  
e isso recomeçou  
no quintal da tia Maria.  
E o pessoal ia chegando.  
O tambor chama longe.  
Então, as pessoas  
iam chegando,  
e aí, a gente  
foi gostando.  
Eu acho... Acho, não,  
com certeza,  
isso foi  
fortalecendo a gente.  
E aí a gente foi começando  
a convidar as pessoas.  
Então, eu falei assim:  
"A gente é forte.  
[ Rindo ]  
"A gente tá podendo.  
As mulheres têm força".  
Então, nada mais justo  
que a mulher  
também tomar conta  
do tambor, né?

7. Luiza tocando tambor

8. Entrevista Tia Maria

A Luiza é que botou  
a mulher na roda do tambor.  
[ Risos ]  
Darcy foi dar aula lá  
na Escola Villa-Lobos,

aí ela tava lá,  
gostou do tambor,  
aí veio  
e ficou com a gente.  
Quando eu vi aquele homem  
com três tambores  
que pareciam seis,  
ele tocava divinamente.  
9. Entrevista Luiza

Quando eu senti  
o tambor,  
eu senti que foi  
uma coisa visceral.  
Sabe? Foi nesse chakra  
aqui que me chamou.  
Então, o Mestre Darcy,  
ele me empoderou  
de ser a primeira mulher  
a tocar os tambores do jongo.

10. Luiza apresenta as batidas dos tambores do Jongo  
[ Batuques ]

11. Entrevista Deli no terreno de umbanda na Serrinha - ela apresenta o terreiro

Esse terreiro aqui  
representa muito pra mim. Essa casa foi  
onde eu nasci, né?  
E um terreiro também onde  
minha avó fez muita caridade.  
E eu mantenho  
até hoje o terreiro  
do jeito que era  
antigamente.  
Minha avó, todo ano,  
fazia...  
um banquete para os cachorros, em homenagem a São Lázaro.  
Minha avó botava a mesa aqui,  
era uma toalha bordada,  
e as comidas, assados,  
só comida assim...  
muito gostosas.  
E aí ficavam os cachorros  
de lado, assim.  
Era uma festa  
muito bonita.  
E todas as pessoas  
que vêm aqui  
se sente muito bem,  
essa casa tem muito axé.  
E também aqui a gente  
recebeu há muitos anos atrás  
uma pessoa que era  
muito ilustre, e até hoje  
é pra gente, da MPB,  
que é a Clara Nunes.  
E a Clara Nunes foi  
filha de santo da minha avó.  
Ela se apaixonou  
pela minha avó,  
por essa casa,  
que é humilde pra caramba,  
mas ela vinha, porque ela

tinha a gente como se fosse  
uma família dela, né?

## 12. Entrevista Dilmar

Quando as pessoas escravizadas  
que vêm da África pro Brasil,  
não veio um grupo só,  
vieram várias pessoas  
de vários grupos étnicos,  
que cada grupo tem a sua raiz  
religiosa e musical,  
e até de linguajar.  
E com isso fui vendo  
que muitos deles  
eram inimigos  
lá em África.  
E quando chegam  
aqui escravizados,  
eles acabam tendo  
que conviver no mesmo espaço.  
E com esse  
no mesmo espaço,  
como eles  
não podiam guerrear,  
eles começam a trabalhar  
uma certa luta, um desafio,  
nos versos.

## 13. Entrevista Lazir

Com a libertação  
dos escravos,  
os jongueiros vieram pra  
capital do Brasil na época,  
que era o Rio de Janeiro.  
Essa história fica marcante,  
porque eu visualizo  
esses jongueiros  
vindo pro  
Rio de Janeiro,  
e eles vieram  
pro alto dos morros:  
Mangueira, Salgueiro,  
pro centro da cidade mesmo.  
E aqui, na Serrinha,  
eu fico imaginando, sabe?  
Todos os jongueiros  
chegando  
e decidindo  
que morariam aqui,  
que construiriam  
suas casas...  
E a história do nascimento  
da comunidade mesmo  
pra mim é muito  
encantador.  
O pessoal da Serrinha...  
veio todo mundo  
pro mesmo lugar  
e eles ficaram juntos,  
com um monte de famílias.  
Então, acho que isso  
foi muito importante

pra que tanta  
gente boa saia dali.  
E teve uma continuidade  
com as pessoas mais jovens  
que se formam.  
Nunca esquecem,  
nunca deixam de ir lá.  
E quase todo mundo passa  
pela escola do jongo.  
E depois de muito tempo,  
com o apoio da prefeitura,  
foi uma ideia  
da tia Maria do Jongo.

#### 14. Entrevista Tia Maria do Jongo

Eu digo: "Meu Deus, por que  
essa casa tá assim  
nesses anos todos  
abandonada, cheia de lixo?".  
Lixo mesmo.  
Você do lado de fora via.  
As porta tudo aberta,  
cheia de lixo lá fora.  
Aí, eu falei:  
"Vou combinar com as meninas,  
"e vamos passar um...  
um pedido  
pro nosso prefeito".  
E foi aí que tudo começou.  
Conseguimos da prefeitura...  
e vamos fazer 2 anos  
de Casa de Jongo aqui.  
E receber aqui  
comunidades jongueiras,  
e o povo da Serrinha  
em rodas de samba...  
É mais um espaço  
pra promover justamente isso,  
que é a união, sabe?

15. Tia Maria mostra as fotos na parede e explica cada momento do passado ali representado.

16. Encontro da Tia Maria com Dona Ivone Lara e Lazer